



CALÍOPE

Presença Clássica

Dossiê sobre Xenofonte (separata 4)

2021.1 . Ano xxxviii . Número 41

CALÍOPE

Presença Clássica

ISSN 2447-875X

Dossiê sobre Xenofonte
(separata 4)

organizadores do dossiê:
Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas
Departamento de Letras Clássicas da UFRJ

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
REITOR Denise Pires de Carvalho

CENTRO DE LETRAS E ARTES
DECANA Cristina Grafanassi Tranjan

FACULDADE DE LETRAS
DIRETORA Sonia Cristina Reis

PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS CLÁSSICAS
COORDENADOR Rainer Guggenberger
VICE-COORDENADOR Ricardo de Souza Nogueira

DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS
CHEFE Simone de Oliveira Gonçalves Bondareczuk
SUBSTITUTO EVENTUAL Fábio Frohwein de Salles Moniz

EDITORES
Fábio Frohwein de Salles Moniz
Rainer Guggenberger

CONSELHO EDITORIAL
Alice da Silva Cunha
Ana Thereza Basílio Vieira
Anderson de Araujo Martins Esteves
Arlete José Mota
Auto Lyra Teixeira
Ricardo de Souza Nogueira
Tania Martins Santos

CONSELHO CONSULTIVO
Alfred Dunshirn (Universitat Wien)
David Konstan (New York University)
Edith Hall (King's College London)
Frederico Lourenço (Universidade de Coimbra)
Gabriele Cornelli (UNB)
Gian Biagio Conte (Scuola Normale Superiore di Pisa)
Isabella Tardin (Unicamp)
Jacyntho Lins Brandão (UFMG)
Jean-Michel Carrié (EHES)
Maria de Fátima Sousa e Silva (Universidade de Coimbra)
Martín Dinter (King's College London)
Victor Hugo Méndez Aguirre (Universidad Nacional Autonoma de México)
Violaine Sebillote-Cuchet (Université Paris 1)
Zelia de Almeida Cardoso (USP) – *in memoriam*

CAPA
Esttua de Xenofonte em frente ao parlamento austracio em Viena.

EDITORACAO
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção

REVISÃO DE TEXTO
Arthur Rodrigues Pereira Santos | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Pedro Proscurcin Junior | Rainer Guggenberger | Vinicius Francisco Chichurra

REVISÃO TÉCNICA
Fábio Frohwein de Salles Moniz | Luis Filipe Bantim de Assumpção | Rainer Guggenberger

Programa de Pós-Graduação em Letras Clássicas | Faculdade de Letras – UFRJ
Av. Horácio Macedo, 2151 – sala F-327 – Ilha do Fundão 21941-917 – Rio de Janeiro – RJ
www.lettras.ufrj.br/pgclassicas – pgclassicas@letras.ufrj.br

Agesilau, um rei em três tempos

Maria Aparecida de Oliveira Silva

RESUMO

O objetivo deste artigo é discorrer sobre *Agesilau*, a obra de Xenofonte dedicada ao rei espartano Agesilau, e cotejá-lo com as biografias escritas por Cornélio Nepos e Plutarco, a fim de analisar como se deu a recepção de sua obra em ambos os testemunhos antigos.

PALAVRAS-CHAVE

Xenofonte; Cornélio Nepos; Plutarco; Agesilau; biografia antiga.

SUBMISSÃO 14.8.2020 | APROVAÇÃO 6.10.2020 | PUBLICAÇÃO 29.8.2021

DOI <https://doi.org/10.17074/cpc.v1i41.37470>

O ELOGIO DE AGESILAU

Logo no início de sua obra *Agesilau*, Xenofonte (430-355 a.C.) afirma “escrever um elogio” (ἔπαινον γράψαι)¹ ao rei espartano e justifica seu escrito sobre Agesilau com tais considerações:

L

ἀλλ' ὡσπερ τὸ γένος αὐτῶν τῆς πατρίδος ἐντιμώτατον, οὕτω καὶ ἡ πόλις ἐν τῇ Ἑλλάδι ἐνδοξοτάτη· ὥστε οὐ δευτέρων πρωτεύουσιν, ἀλλ' ἡγεμόνων ἡγεμονεύουσιν. τῆδέ γε μὴν καὶ κοινῇ ἄξιον ἐπαινέσαι τὴν τε πατρίδα καὶ τὸ γένος αὐτοῦ·

Mas assim como a sua linhagem é a mais honrada dentre as da sua pátria, assim também a sua cidade é a mais notável na Hélade; de modo que não ocupam o primeiro lugar dentre os que estão abaixo, mas exercem o comando dentre os comandantes. Sem dúvida, por essa razão comum, é digno de se louvar a pátria e a linhagem dele (XENOFONTE, *Agesilau*, I, 3-4).²

Assim, notamos que Xenofonte expressa sua admiração não somente pela destacada posição do rei Agesilau, que atuava feito um líder dos líderes helenos, como também por Esparta, tratada aqui como a cidade mais notável da Hélade. Essa dupla admiração é algo compreensível e até mesmo lógico dentro do pensamento xenofontiano, pois a constituição de Esparta, instituída pelo legislador Licurgo, motivara a formação de cidadãos que cultivavam a virtude guerreira por meio de sua agogê, como Xenofonte relata em sua obra *A Constituição dos Lacedemônios*, dos livros II ao VII. Agesilau demonstra seu valor quando se torna um grande guerreiro, mas é preciso lembrar que ele também é fruto de uma grande cidade que lhe forneceu o necessário para que desenvolvesse suas virtudes e habilidades militares.

Em seguida, Xenofonte volta-se para a defesa da legitimidade do rei espartano no poder, trata de filiar-lo à Casa dos Euripôntidas e de torná-lo um descendente de Hércules. A preocupação xenofontiana com a legitimidade de Agesilau no poder reflete uma questão recorrente entre os antigos: as disputas em torno da sucessão dos reis em Esparta. Com mais detalhes, o autor nos conta que, após a morte do rei Ágis, em 400 a.C., houve

a disputa pelo trono entre Leotíquides, suposto filho de Ágis, e Agesilau, irmão do rei morto. Este pretendia a realeza por se considerar o único herdeiro legítimo, porque estava certo de que Leotíquides era bastardo. Em busca de uma solução justa, os espartanos enviaram mensageiros para consultar o Oráculo de Delfos. Receberam uma resposta oracular da Pítia que foi manipulada por Lisandro, com a qual convenceu a todos os cidadãos de que Agesilau era o herdeiro do trono espartano, uma vez que Leotíquides era um filho bastardo do rei Ágis (XENOFONTE, *Helênicas*, III, 3). Antes mesmo desse relato xenofontiano sobre a disputa entre os Euripôntidas e os Ágidas, houve uma disputa pelo trono espartano contada por Heródoto, quando Leotíquides II, um primo distante, conseguiu destituir o rei Demarato do trono de Esparta ao provar que este não era filho do rei Aríston, mas um bastardo (HERÓDOTO, *Histórias*, VI, 65-69).

Xenofonte segue sua narrativa afirmando que seu interesse está nas ações de Agesilau, “pois penso que a partir dos seus feitos, do modo mais belo, suas disposições morais ficarão muito evidentes”. (ἀπὸ τῶν ἔργων καὶ τοῦς τρόπους αὐτοῦ κάλλιστα νομίζω καταδήλους ἔσεσθαι.) (XENOFONTE, *Agesilau*, I, 6). Em seguida, inicia sua narrativa com a expansão militar espartana na Ásia Menor, em 396 a.C., quando Agesilau guerreou primeiro contra Tisafêrnes. No relato desse conflito, ele deixa entrever que o poderio militar do rei espartano estava relacionado à quantidade de butim adquirido. Sobre isso, o autor tenta mostrar que as riquezas amealhadas nas batalhas eram somente para satisfazer aliados e soldados, porém que Agesilau em nada usufruía delas em particular (XENOFONTE, *Agesilau*, I, 18-24); ao contrário, afirmava que não abandonaria sua pátria em troca de qualquer terra ou riqueza (XENOFONTE, *Agesilau*, I, 36). Desse modo, Xenofonte exalta a disposição de Agesilau em praticar exercícios físicos nos ginásios e de desenvolver suas habilidades guerreiras, sempre empenhado em preservar os valores espartanos.

O retorno de Agesilau a Esparta compõe o segundo episódio de seu elogio. O autor descreve a passagem do rei espartano do Helesponto ao Peloponeso, ocasião em que

conseguiu reunir mais aliados para defender a Lacedemônia e travar várias batalhas no Peloponeso e adjacências (XENOFONTE, *Agesilau*, II, 1-27). Por fim, Xenofonte nos conta que, aos oitenta anos, em 361 a.C., Agesilau serviu como mercenário do rei egípcio Nectanebo II para combater o exército persa (XENOFONTE, *Agesilau*, II, 28), tendo dedicado vários capítulos anteriores às virtudes do rei espartano. O autor também nos traz a informação de que o rei teria se apaixonado por Megabizo, mas porque Agesilau era moderado em relação aos prazeres, não permitiu nem sequer que fosse beijado por Megabizo (XENOFONTE, *Agesilau*, V, 4-5). Xenofonte realça o aspecto religioso do rei espartano, tratándolo como se fosse um homem piedoso, posto que sempre se hospedava em um templo, onde ele e seus companheiros exercitavam a moderação (XENOFONTE, *Agesilau*, V, 7). O autor também se debruça sobre outras virtudes de Agesilau, como a piedade, o senso de justiça, a temperança e a sabedoria, mantendo um discurso elogioso sobre o caráter do rei até o fim de sua narrativa.

CRÍTICA A XENOFONTE

A fama de Agesilau parece ter sido o que moveu Cornélio Nepos (100-25 a.C.) a redigir sua biografia, conforme lemos a seguir: “Agesilau, lacedemônio, pelos outros escritores foi muito elogiado e de maneira fora do comum por Xenofonte, discípulo de Sócrates; de fato, a sua relação de amizade era bastante íntima”. (*Agesilaus Lacedaemonius cum a ceteris scriptoribus tum eximie a Xenophonte Socratico collaudatus est; eo enim usus est familiarissime*) (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, I, 1). Portanto, Cornélio Nepos mostra que conhece a fama de Agesilau por meio de outros autores e critica o elogio exagerado de Xenofonte a Agesilau, devido à proximidade entre Xenofonte e o rei. A crítica de Nepos tem seu fundamento, já no próêmio, ao apresentar os motivos de sua escolha, Xenofonte se faz notar pelo excesso: “Sei que não é fácil escrever um elogio digno da virtude e da reputação de Agesilau, mas mesmo assim devo tratar disso” (Οἶδα μὲν ὅτι τῆς

Ἀγησιλάου ἀρετῆς τε καὶ δόξης οὐ ῥάδιον ἄξιον ἔπαινον γράψαι, ὅμως δ' ἐγχειρητέον.) (XENOFONTE, *Agesilau*, I. 1).

Plutarco (46–120 d.C.) não redigiu um próêmio para a biografia de Agesilau³ e iniciou sua narrativa seguindo a estrutura biográfica mínima. O autor trata, primeiramente, do nascimento de Agesilau, incluindo sua origem e educação. Em seguida, escreve sobre a vida do rei, que compreende seus feitos e perfil moral, e encerra a obra com a morte de Agesilau e as circunstâncias de tal acontecimento. Xenofonte também foi alvo de crítica em Plutarco por ter superestimado o poder desse rei em Esparta. Em sua resposta ao relato xenofontiano, Plutarco tenta explicar a extrema deferência de Agesilau para com éforos e gerontes, porém nos dá a entender que o rei espartano, ainda que por estratégia, era comandando por éforos e gerontes, como se lê a seguir:

ὁ δὲ φησιν ὁ Ξενοφῶν, ὅτι πάντα τῇ πατρίδι πειθόμενος ἴσχυε πλεῖστον, ὥστε ποιεῖν ὁ βούλοιο, τοιοῦτόν ἐστι. τῶν ἐφόρων ἦν τότε καὶ τῶν γερόντων τὸ μέγιστον ἐν τῇ πολιτείᾳ κράτος, ὧν οἱ μὲν ἐνιαυτὸν ἄρχουσι μόνον, οἱ δὲ γέροντες διὰ βίου ταύτην ἔχουσι τὴν τιμὴν, ἐπὶ τῷ μὴ πάντα τοῖς βασιλεῦσιν ἐξεῖναι συνταχθέντες, ὡς ἐν τοῖς περὶ Λυκούργου γέγραπται. διὸ καὶ πατρικὴν τινα πρὸς αὐτοὺς ἀπὸ τοῦ παλαιοῦ διετέλου εὐθύς οἱ βασιλεῖς φιλονεικίαν καὶ διαφορὰν παραλαμβάνοντες. ὁ δὲ Ἀγησίλαος ἐπὶ τὴν ἐναντίαν ὁδὸν ἦλθε, καὶ τὸ πολεμεῖν καὶ τὸ προσκρούειν αὐτοῖς ἐάσας ἐθεράπευε, πάσης μὲν ἀπ' ἐκείνων πράξεως ἀρχόμενος, εἰ δὲ κληθείη, θάπτον ἢ βάδην ἐπειγόμενος, ὁσάκις δὲ τύχοι καθήμενος ἐν τῷ βασιλικῷ θώκῳ καὶ χρηματίζων, ἐπιούσι τοῖς ἐφόροις ὑπεξάνιστατο, τῶν δ' εἰς τὴν γερουσίαν ἀεὶ καταταπτομένων ἐκάστω χλαῖναν ἔπεμπε καὶ βούν ἀριστεῖον. ἐκ δὲ τούτων τιμὰν δοκῶν καὶ μεγαλύνειν τὸ ἀξίωμα τῆς ἐκείνων ἀρχῆς, ἐλάνθανεν αὔξων τὴν ἑαυτοῦ δύναμιν καὶ τῇ βασιλείᾳ προστιθέμενος μέγεθος ἐκ τῆς πρὸς αὐτὸν εὐνοίας συγχωρούμενον.

E o que diz Xenofonte, por ter sido obediente em tudo pela pátria, fortaleceu-se muitíssimo, de modo a fazer o que quisesse, foi do modo que se segue. Naquela época, o principal poder da cidade era dos éforos e dos gerontes; os primeiros mandavam por um ano, e os gerontes tinham esse cargo por toda vida, pois foram instituídos no posto para que os reis não pudessem fazer de tudo, como já fora escrito nos relatos sobre Licurgo.⁴ Por isso também, desde antigamente, os reis logo iniciaram uma disputa por seus direitos hereditários, com rivalidade e cisão. Agesilau foi pelo caminho contrário: evitava o conflito e o embate com eles, respeitava-

os e iniciava qualquer ação depois do apreço deles, e, se fosse convocado, dirigia-se até eles o mais rápido possível, em passo acelerado. E quantas vezes ocorreu de estar sentado no trono real e em audiência, e se levantava quando os éforos entravam, e dentre os que eram apontados para a Gerusia sempre enviava uma claina⁵ e um boi como recompensa para cada um deles. Parecia honrar e exaltar o valor do cargo deles, mas passava despercebido que ele aumentava o seu próprio poder e acrescentava grandeza à realeza por causa da afeição que tinham por ele (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, IV, 1-4).

Plutarco deixa claro que Agesilau tinha suas ações delimitadas e direcionadas por éforos e gerontes. Outro ponto interessante é que o relato plutarquiano nos mostra que antes havia rivalidade entre aqueles que comandavam Esparta e que os reis se sobrepunham a eles. Porém, como Plutarco relata nos capítulos seguintes, a mudança de postura de Agesilau também lhe custou a autoridade, pois éforos e gerontes passaram a ter o poder absoluto na cidade. Tal poder se estendeu ainda ao campo de batalha, antes território exclusivo dos reis. Nesse sentido, o autor conta-nos que o éforo Dífridas saiu de Esparta e foi até o acampamento militar de Agesilau para lhe dar instruções sobre as suas próximas manobras militares, e que o rei, então, as acatou (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XVII, 1-2).

XENOFONTE E AS BIOGRAFIAS DE CORNÉLIO NEPOS E PLUTARCO

Embora Cornélio Nepos critique os excessos laudatórios de Xenofonte, notamos que o biógrafo não somente se pauta nos acontecimentos relatados na obra xenofontiana, assim como segue *pari passu* a sua estrutura narrativa. Do mesmo modo, Cornélio Nepos também inicia seu relato registrando as disputas entre os herdeiros pelo trono de Esparta (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, I, 2-5), trata da expedição de Agesilau na Ásia Menor (CORNÉLIO NEPOS, II, 1-2), narra a guerra contra Tissafernes (CORNÉLIO NEPOS, II-III), o retorno a Esparta e as derrotas para os beócios e os atenienses, a preferência de Agesilau em se hospedar nos templos (CORNÉLIO NEPOS, IV, 1-8), a guerra contra Corinto (CORNÉLIO NEPOS, V, 1-4),

a primeira tentativa de expulsar o general tebano Epaminondas da Lacedemônia (CORNÉLIO NEPOS, VI, 1-3), a busca de riquezas no Egito, como mercenário do rei Nectanebo II, a fim de contratar soldados para a defesa de Esparta (CORNÉLIO NEPOS, VII, 1-4) e encerra sua breve biografia com a morte de Agesilau (CORNÉLIO NEPOS, VIII, 1-5).

A biografia composta por Plutarco também segue a mesma trajetória da narrativa xenofontiana.⁶ Plutarco difere apenas na preocupação que teve em traçar uma breve genealogia dos reis e tratar de episódios relativos à infância do rei espartano (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, I-II), dado compreensível visto que segue a estrutura biográfica mínima: nascimento, vida e morte. Plutarco narra o episódio da disputa de Agesilau e Leotíquides pelo trono de Esparta, além da interferência decisiva de Lisandro na situação, o que resultou na nomeação de Agesilau como rei dos espartanos (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, III-IV). Como em Xenofonte, a expedição militar de Agesilau na Ásia Menor é o primeiro episódio narrado em sua biografia, tido como o primeiro ato do seu reinado (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, V-XV). A volta de Agesilau do Helesponto em direção ao Peloponeso aparece como o segundo episódio mais importante da vida do rei espartano. Foi nesse retorno que Agesilau travou batalhas com diversos povos que habitavam esse trajeto (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XVI-XXVII). Na sequência, Plutarco registra as batalhas de Agesilau contra os tebanos em Leuctras e Mantinea, com a vitória final de Epaminondas (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XXVIII-XXXVI). Ademais, o autor escreve acerca da tentativa de Agesilau de retomar Esparta ao servir como mercenário no Egito, quando reuniu uma grande quantia para contratar soldados e expulsar os tebanos de sua cidade (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XXXVI-XXXIX). Entretanto, o rei espartano morre antes de chegar a Esparta (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XL).

Percebemos que Cornélio Nepos e Plutarco seguiram claramente a cronologia da narrativa proposta por Xenofonte, o que nos leva a crer que ambos os autores admitem a historicidade da obra xenofontiana. Ainda que tenham tecido críticas aos

exageros de Xenofonte ao se referir ao rei Agesilau, é inegável o uso de suas informações por esses autores. Aliás, Cornélio Nepos e Plutarco ainda utilizaram as informações relatadas por Xenofonte em sua obra intitulada *Helênicas*, reconhecida pelo seu conteúdo histórico. O critério desses dois autores parece ter sido a retirada dos elogios e das digressões entusiasmadas sobre as virtudes do rei espartano para considerar as informações que se aproximam da realidade, algo que nos lembra o proêmio da *Vida de Teseu*, no qual Plutarco afirma que contará os acontecimentos da vida do herói a partir da verossimilhança e da retirada das narrativas míticas que atuam no campo do extraordinário (PLUTARCO, *Vida de Teseu*, I, 1-3).

No entanto, as biografias de Agesilau compostas por Cornélio Nepos e Plutarco não se embasaram apenas nas informações registradas por Xenofonte. Sobre a morte de Agesilau, por exemplo, Cornélio Nepos acrescenta que “então seus amigos, para que pudessem levá-lo com mais facilidade para Esparta, porque não tinham mel, envolveram-no com cera e assim foi trazido de volta a sua pátria” (*Ibi eum amici, quo Spartam facilius perferre possent, quod mel non habebant, cera circumfuderunt atque ita domum rettulerunt.*) (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, VIII, 5). Plutarco também se serve deste pormenor da biografia de Nepos,⁷ mas o apresenta como se tratasse de um costume dos espartanos, pois afirma que:

“Ἔθους δὲ ὄντος Λακωνικοῦ τῶν μὲν ἄλλων ἐπὶ ξένης ἀποθανόντων αὐτοῦ τὰ σώματα κηδεύειν καὶ ἀπολείπειν, τὰ δὲ τῶν βασιλέων οἴκαδε κομίζειν, οἱ παρόντες Σπαρτιάται κηρὸν ἐπιπέσαντες τῷ νεκρῷ, μέλιτος οὐ παρόντος, ἀπήγον εἰς Λακεδαίμονα.

E porque é um costume lacônico prestar honras fúnebres, abandonar os corpos dos que morreram em território estrangeiro e levar em tom fúnebre os corpos dos reis a sua pátria, os cidadãos espartanos que estavam presentes colocaram cera sobre o seu cadáver, porque não havia mel, e o levaram para a Lacedemônia (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XI, 4).

Cornélio Nepos trata os presentes como amigos (*amici*) e Plutarco como cidadãos espartanos (*Σπαρτιῶται*). Convém notar que a *amicitia*⁸ em Nepos é uma espécie de identidade entre os Iguais (*Ὅμοιοι*) em Esparta, que, conforme sugere o relato plutarquiano, estão unidos por laços de cidadania, de pertencimento a uma pátria, com costumes próprios e regida por reis que são honrados por seus cidadãos.

Além das informações coletadas da obra xenofontiana presentes em sua biografia sobre o rei Agesilau, Plutarco acrescenta anedotas, episódios, nomes e lugares que não são mencionados por Xenofonte. Diante disso, é possível concluir que ambos os autores seguiram a estrutura narrativa xenofontiana, mantiveram sua cronologia, bem como nos trouxeram novas informações.

A despeito das críticas tecidas por Plutarco e Cornélio Nepos aos elogios exagerados de Xenofonte ao rei espartano, alguns deles reverberaram em suas avaliações sobre o caráter de Agesilau. Cornélio Nepos, por exemplo, destaca a simplicidade e a preocupação de Agesilau com os costumes espartanos neste relato:

Atque in hoc illud in primis fuit admirabile, cum maxima munera ei ab regibus ac dynastis civitatibusque conferrentur, quod nihil unquam domum suam contulit, nihil de victu, nihil de vestitu Laconum mutavit. Domo eadem fuit contentus, qua Eurysthenes, progenitor maiorum suorum, fuerat usus; quam qui intrarat, nullum signum libidinis, nullum luxuriae videre poterat, contra ea plurima patientiae atque abstinentiae: sic enim erat instructa, ut in nulla re differret cuiusvis inopis atque privati.

Contudo, e o que ele de mais importante fez, admirável, foi ter recebido grandiosos presentes de reis, dinastas e governos, e nunca ter trazido para sua casa nenhum presente, nem mudou o seu modo de vida nem sua vestimenta lacônia. Ficou contente com a mesma casa onde esteve Eurístenes, o progenitor dos seus mais antigos antepassados, e fez uso dela; quem quer que entrasse nela não podia ver nenhum sinal de arbitrário nem de luxuoso; ao contrário, muitíssimas coisas próprias da resignação e da abstinência: estava disposto de tal

modo que em coisa alguma se distinguia de qualquer pobre e simples cidadão (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, VII, 3-4).

Plutarco também elogia o modo de vida simples e austero do rei Agesilau, conforme lemos neste outro relato:

Ἐπεὶ δὲ ἀπενόστησεν οἴκαδε, προσφιλῆς μὲν ἦν εὐθύς τοῖς πολίταις καὶ περιβλεπτός ἀπὸ τοῦ βίου καὶ τῆς διαίτης· οὐ γὰρ, ὡσπερ οἱ πλείστοι τῶν στρατηγῶν, καινὸς ἐπανῆλθεν ἀπὸ τῆς ξένης καὶ κεκινημένος ὑπ' ἀλλοτριῶν ἔθων, καὶ δυσκολαίνων πρὸς τὰ οἴκοι καὶ ζυγομαχῶν, ἀλλὰ ὁμοίως τοῖς μηδεπώποτε τὸν Εὐρώταν διαβεβηκόσι τὰ παρόντα τιμῶν καὶ στέργων οὐ δεῖπνον ἤλλαξεν, οὐ λουτρόν, οὐ θεραπείαν γυναικός, οὐχ ὄπλων κόσμον, οὐκ οἰκίας κατασκευήν, ἀλλὰ καὶ τὰς θύρας ἀφῆκεν οὕτως οὕσας σφόδρα παλαιάς, ὡς δοκεῖν εἶναι, ταύτας ἐκείνας ἃς ἐπέθηκεν Ἀριστόδημος.

E, depois de ter retornado à pátria, teve imediatamente a cordialidade dos cidadãos e foi notado pelo seu regime e modo de vida; pois, como a maioria dos estrategos, não voltou diferente do estrangeiro nem mudado por costumes alheios. Apesar de descontente como os assuntos de sua pátria e os combatendo, mas, igualmente aos que jamais haviam atravessado o Eurotas, porque honrava e amava ternamente os costumes vigentes, não alterou seu jantar, nem banho, nem o cuidado com a mulher, nem o adorno das armas, nem a mobília da casa; ao contrário, deixou as mesmas portas que eram muito antigas, porque parece que essas eram aquelas que Aristodemo havia colocado (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, XIX, 4-5).

Os elogios tecidos por ambos os autores revelam uma síntese dos elogios de Xenofonte, conforme se lê neste registro:

ἄξιόν γε μὴν καὶ ἐντεῦθεν ὑπερβαλλόντως ἀγασθαι αὐτοῦ, ὅστις ἄρχων μὲν παμπόλλων ἐν τῇ ἡπείρῳ πόλεων, ἄρχων δὲ καὶ νήσων, ἐπεὶ καὶ τὸ ναυτικὸν προσήψεν αὐτῷ ἡ πόλις, ἀύξανόμενος δὲ καὶ εὐκλεία καὶ δυνάμει, παρὸν δ' αὐτῷ πολλοῖς καὶ ἀγαθοῖς χρῆσθαι ὃ τι ἐβούλετο, πρὸς δὲ τούτοις τὸ μέγιστον, ἐπινοῶν καὶ ἐλπίζων καταλύσειν τὴν ἐπὶ τὴν Ἑλλάδα στρατεύσασαν πρότερον ἀρχήν, ὅμως ὑπ' οὐδενὸς τούτων ἐκρατήθη, ἀλλ' ἐπειδὴ ἦλθεν αὐτῷ ἀπὸ τῶν οἴκοι τελῶν βοηθεῖν τῇ πατρίδι, ἐπέιθετο τῇ πόλει οὐδὲν διαφερόντως ἢ εἰ ἐν τῷ ἐφορείῳ ἔτυχεν ἐστηκώς μόνος παρὰ τοὺς πέντε, μάλα ἔνδηλον ποιῶν ὡς οὔτε ἂν πᾶσαν τὴν γῆν δέξαιτο ἀντὶ τῆς πατρίδος οὔτε τοὺς ἐπικτήτους ἀντὶ τῶν ἀρχαίων φίλων οὔτε αἰσχρὰ καὶ ἀκίνδυνα κέρδη μᾶλλον ἢ μετὰ κινδύνων τὰ καλὰ καὶ δίκαια.

Certamente, desde então, é digno dele que seja extremamente admirado, porque era ele quem comandava numerosas cidades no continente, além das ilhas; porque a cidade lhe acrescentou uma frota, ele aumentou sua glória e poder ele podia utilizar muitos e bons homens que quisesse, além disso, o mais importante, porque planejava e esperava aniquilar o império que antes havia realizado uma expedição militar contra a Hélade, igualmente não foi dominado por nada disso, mas quando lhe veio a ordem das autoridades de sua pátria para que ele a socorresse, obedeceu a cidade em nada divergente como se estivesse na corte do éforos, posicionado sozinho junto aos cinco, tornava muito claro que não aceitaria toda a terra em lugar de sua pátria, nem os recentes no lugar dos antigos amigos, nem ganhos vergonhosos e sem riscos mais que as coisas belas e justas acompanhadas de riscos (XENOFONTE, *Agésilau*, I, 36).

Mais adiante, Xenofonte escreve uma espécie de libelo de defesa às ações e aos feitos do rei espartano, onde elabora uma série de perguntas retóricas para despertar no leitor um pensamento favorável a Agésilau, um rei íntegro e dedicado aos interesses da cidade (XENOFONTE, *Agésilau*, IV, 1-6). Essas virtudes apresentadas no relato xenofontiano permaneceram nas narrativas de Cornélio Nepos e de Plutarco e estão na essência do elogio elaborado por Xenofonte. Em consonância com essa narrativa elogiosa, Cornélio Nepos não tece qualquer crítica ao rei Agésilau e chega a lamentar o fato de seu aspecto físico não corresponder ao seu caráter:

Atque hic tantus vir ut naturam faulricem habuerat in tribuendis animi virtutibus, sic maleficam nactus est in corpore fingendo. Nam et statura fuit humili et corpore exiguo et claudus altero pede. Quae res etiam nonnullam afferebat deformitatem, atque ignoti, faciem eius cum intuerentur, contemnebant; qui autem virtutes noverant, non poterant admirari satis.

Mas esse homem que é tão célebre, que a natureza havia favorecido na distribuição das virtudes da alma, assim nascido em um corpo mal moldado. De fato, era de pequena estatura e corpo franzino, além de coxo de um dos pés. Era uma coisa que lhe trazia certa fealdade, e os que não o conheciam,

quando viam seu aspecto externo, desdenhavam dele, mas os que conheciam suas virtudes não conseguiam se cansar de admirá-lo (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, VIII, 1).

Sem as palavras extremamente elogiosas nem as perguntas retóricas de Xenofonte, a biografia de Agesilau composta por Cornélio Nepos também se mostra um relato laudatório ao rei espartano. Não encontramos nenhuma crítica endereçada a Agesilau; ao contrário, Cornélio Nepos diz: “De quem o exemplo, oxalá, nossos generais desejassem seguir!” (*Cuius exemplum utinam imperatores nostri sequi voluissent!*) (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, IV, 2).

Plutarco, como vimos, também exalta as virtudes do rei espartano, mas é o único dentre os três que registra alguns vícios do rei Agesilau:

Μετὰ δὲ τὴν μάχην καὶ τὸν θάνατον τοῦ Ἐπαμεινώνδου γενομένης εἰρήνης τοῖς Ἕλλησι πρὸς αὐτούς, ἀπήλαινον οἱ περὶ τὸν Ἀγησίλαον τοῦ ὄρκου τοὺς Μεσσηνίους, ὡς πόλιν οὐκ ἔχοντας. ἔπει δὲ οἱ λοιποὶ πάντες ἐδέχοντο καὶ τοὺς ὄρκους ἐλάμβανον παρ' αὐτῶν, ἀπέστησαν οἱ Λακεδαιμόνιοι, καὶ μόνοις αὐτοῖς πόλεμος ἦν ἐλπίζουσιν ἀναλήψεσθαι τὴν Μεσσηνίαν. βίαιος οὖν ἐδόκει καὶ ἀτενῆς καὶ πολέμων ἀπληστος ὁ Ἀγησίλαος εἶναι, τὰς μὲν κοινὰς διαλύσεις πάντα τρόπον ὑπορύπτων καὶ ἀναβάλλων, πάλιν δὲ ὑπὸ χρημάτων ἀπορίας ἀναγκαζόμενος ἐνοχλεῖν τοῖς κατὰ πόλιν φίλοις καὶ δανείζεσθαι καὶ συναρانیζεσθαι, δεῖον ἀπηλλάχθαι κακῶν εἰς τοῦτο περιήκοντι τῷ καιρῷ, καὶ μὴ τὴν ἅπασαν ἀρχὴν τοσαύτην γενομένην ἀφεικότα καὶ πόλεις καὶ γῆν καὶ θάλατταν, ὑπὲρ τῶν ἐν Μεσσηνίῃ κτημάτων καὶ προσόδων σφραδάζειν.

E, depois da batalha e da morte de Epaminondas,⁹ aconteceu a paz entre os helenos, mas Agesilau e os que o cercavam excluíram os messênios do juramento, porque não tinham uma cidade. E, visto que todos os demais aceitaram e receberam seus juramentos, os lacedemônios ficaram separados, porque tinham a esperança de que tivessem uma guerra sozinhos e de que capturariam a Messênia. Então, Agesilau começou a parecer violento, inflexível e insaciável de guerra, e que de todo modo dissolvia os acordos, porque os minava e os quebrava, enquanto pela dificuldade de dinheiro, era outra vez obrigado a incomodar os seus amigos na cidade para que lhe emprestassem dinheiro e lhe fizessem contribuições, quando os devia ter afastado dos males no momento oportuno, e não, após ter perdido completamente

tamanho poder e as cidades em terra e mar, ter ficado ansioso pelas posses e os rendimentos da Messênia (PLUTARCO, *Vida de Agesilau*, xxxv, 2-4).

Plutarco demonstra que as constantes guerras promovidas por Agesilau, em busca de dinheiro e riquezas para enviar à pátria, despertaram no rei uma procura desmedida por recursos, e que tal prática desviou o caráter do rei, antes dócil, agora irascível. Por isso, a narrativa plutarquiana coloca-se contrária ao registrado por Cornélio Nepos. Este vê dignidade no fato de Agesilau obter dinheiro para enviar à pátria, pois afirma que:

Sine dubio post Leuctricam pugnam Lacedaemonii se numquam refecerunt neque pristinum imperium recuperarunt, cum interim numquam Agesilans destitit, quibuscumque rebus posset, patriam iuvare. Nam cum praecipue Lacedaemonii indigerent pecunia, ille omnibus, qui a rege defecerant, praesidio fuit; a quibus magna donatus pecunia patriam sublevavit.

Sem dúvida, depois da batalha de Leuctras, os lacedemônios não se refizeram nem recuperaram seu domínio anterior. Nem por isso Agesilau desistiu, em qualquer coisa que pudesse, de ajudar sua pátria. Em especial, quando os lacedemônios estavam faltos de dinheiro, ele foi o socorro de todos que se sublevaram contra o rei; com as grandes quantias de dinheiro que esses lhe davam, aliviou a situação de sua pátria (CORNÉLIO NEPOS, *Agesilau*, VII, 1-2).

As interpretações distintas de Cornélio Nepos e de Plutarco sobre a conduta do rei espartano de levantar recursos para fomentar a guerra explicam-se por dois contextos bem diferentes. O período que antecedeu ao Império Romano foi marcado por diversas guerras civis, que se iniciaram com a Guerra Social (91-88 a.C.) e terminaram com a guerra entre Otaviano (63 a.C.-14 d.C.) e Marco Antônio (83-30 a.C.) no Segundo Triunvirato (43-33 a.C.). Cornélio Nepos viveu todos esses conflitos desde a infância. Por conseguinte, a narrativa elogiosa de Cornélio Nepos¹⁰ ao rei espartano Agesilau reflete um pensamento contrário a esse período em que os generais mais notáveis entre os

romanos, como Sila (138-78 a.C.), Mário (157-86 a.C.), Júlio César (100-44 a.C.) e Marco Antônio (83-30 a.C.), formavam exércitos poderosos para o engrandecimento de seu nome, porém não de Roma. Sob essa perspectiva, o rei Agesilau se mostra desprendido de interesses pessoais ao enviar todos os recursos obtidos para a sua pátria. Cornélio Nepos relata a simplicidade e os hábitos austeros de um homem que não abandonou seus costumes nem se deixou encantar pelas riquezas alheias, e o rei espartano serve à crítica do autor romano aos generais de seu tempo.¹¹

Plutarco viveu entre os séc. I e II d.C., época em que a dominação romana atingira seu ápice, uma vez que Júlio César já havia conquistado a Gália, Augusto, o Egito e Trajano, a Dácia, regiões que trouxeram incontáveis riquezas ao Império, bem como atestavam seu poderio. A Grécia de Plutarco encontrava-se sob o controle militar romano, que se refletia em suas políticas e economia; vários gregos oriundos de famílias nobres alinhavam-se à política do Império e, por isso, obtinham cargos em magistraturas e no Senado; nessa conjuntura, Plutarco aconselha seus companheiros gregos a não resistir ao Império:

κράτιστον δὲ προνοεῖν ὅπως μηδέποτε στασιάζωσι, καὶ τοῦτο τῆς πολιτικῆς ὡσπερ τέχνης μέγιστον ἠγείσθαι καὶ κάλλιστον. ὄρα γὰρ ὅτι τῶν μεγίστων ἀγαθῶν ταῖς πόλεσιν, εἰρήνης ἐλευθερίας εὐετηρίας εὐανδρίας ὁμονοίας, πρὸς μὲν εἰρήνην οὐδὲν οἱ δῆμοι τῶν πολιτικῶν ἐν γὰρ τῷ παρόντι χρόνῳ δέονται.

É melhor prevenir-se tanto para que jamais entrem em dissensão política, como pensar que isso é próprio da política, como da arte, algo maior e mais belo. Pois, vê que, dentre os maiores bens às cidades, estão a paz, a liberdade, a prosperidade, a abundância de homens e a concórdia; com relação à paz, certamente, no tempo presente, os povos em nada necessitam dos políticos (PLUTARCO, *Preceitos políticos*, 824C).

Plutarco demonstra a vulnerabilidade da Grécia diante da potência militar romana, considerando um ato de insensatez por parte dos comandantes gregos promover qualquer embate dessa natureza contra os romanos. Como destaca Schimdt,¹² Plutarco

aconselha os governantes gregos a administrarem bem suas cidades como demonstração de sua prudência frente ao poderio romano. Além disso, é possível observar o movimento de Plutarco no sentido de garantir a existência de homens que representem a cultura grega no Império, que possam manifestá-la, pois é conhecida a tendência romana de dizimar povoados que se rebelaram contra sua política. Por isso, Plutarco expressa com clareza o bem que é ter *euandria*, ou a abundância de homens, em vez da *oliganthropía*, ou a escassez de homens, gerada por contínuas batalhas. Nesse sentido, Agesilau representa uma época de incessantes guerras que desgastaram as maiores cidades da Grécia, como Atenas, Esparta e Tebas, deixando-as vulneráveis à dominação macedônica e, posteriormente, à derrocada diante dos romanos, colocando-os na condição de dominados.¹³

A leitura xenofontiana se distancia das citadas por representar o momento presente e por se tratar, de fato, de um discurso de defesa de Agesilau. O autor registra acontecimentos recentes em um momento ainda tomado por interpretações acaloradas, típicas de situações de crise. Xenofonte era de uma família aristocrata ateniense¹⁴ e foi discípulo de Sócrates, embora nutrisse admiração pelo regime espartano. À época,¹⁵ Atenas era governada pelos Trinta Tiranos impostos por Esparta após ter vencido a Guerra do Peloponeso, e Xenofonte estava alinhado com eles. Com a expulsão dos espartanos de Atenas, o autor partiu para lutar como mercenário do exército do rei persa em 403 a.C., porém essa não fora a primeira vez, já que havia lutado ao lado do rei Ciro (séc. v a.C.), em 401 a.C., contra Artaxerxes II (séc. v e iv a.C.). Xenofonte foi exilado de Atenas, não sabemos ao certo se por ter servido como mercenário do rei persa ou por ter lutado ao lado de Agesilau,¹⁶ também como mercenário.

CONCLUSÕES

O elogio de Agesilau parece-nos um autoelogio de Xenofonte, visto que ambos se dedicaram à guerra e conquistaram riquezas com ela. O autor e o rei espartano nos revelam que a

guerra contra o bárbaro, em especial os habitantes da Ásia Menor ou do Egito, era uma importante fonte de recursos para os gregos. Desse modo, não era mais preciso firmar acordos que faziam dos gregos os olhos do Rei. Em comparação com a narrativa plutarquiana, Xenofonte inverte o seu olhar, como Cornélio Nepos, e não julga as ações do rei Agesilau. Todavia, critica os que se beneficiaram com as riquezas enviadas a Esparta e não as aproveitaram para garantir a defesa e a integridade de sua cidade, mas apenas se locupletaram e transformaram o rei Agesilau em sua grande fonte de renda.¹⁷

Xenofonte vai além do louvor desmedido em seu elogio a Agesilau. Sua obra mostra-se biográfica, pois suas informações serviram a outros dois biógrafos tardios, do mesmo modo que a sua estrutura narrativa. Como apontou Smith,¹⁸ as obras xenofontianas apresentam conteúdo histórico, biográfico, diálogos, além haver romances e registros técnicos, como é o caso da *Ciropédia*, características que permeiam outras obras como *Helênicas* e *Anábase*. Logo, o elogio de Xenofonte a Agesilau se caracteriza como uma obra que se insere em diferentes gêneros literários, como o historiográfico, o biográfico e o encomiástico. Convém notar que o elogio de Agesilau não segue a tradicional estrutura da paradigmática obra de Górgias (sofista siciliano do séc. v a.C.), o *Elogio de Helena*. Como vimos, o encômio composto por Xenofonte não repete o modelo encomiástico do famoso sofista de Leontine, dividida em quatro partes, a saber: proêmio, narrativa, prova e epílogo.¹⁹

Notamos que Xenofonte elabora um tipo de elogio ao rei espartano que ao mesmo tempo pode ser também um autoelogio, pois o ateniense também encontra na guerra um meio de enriquecer a si mesmo e à cidade, dado que Atenas não era mais o grande entreposto comercial de outrora.²⁰ Cornélio Nepos também vê na guerra uma fonte de grandes recursos para os romanos, já que as batalhas de expansão territorial marcam o poderio romano no antigo Mediterrâneo e, ao mesmo tempo, fortalecem os romanos com o envio dos butins a Roma. Em suma, o elogio de Xenofonte não se trata apenas de um encômio em que

o autor louva as virtudes do rei Agésilau, mas pode ainda ser interpretado como um discurso em defesa de um modo de vida que não é aceito pela maioria dos atenienses. A discordância de Plutarco com os autores citados se justifica por sua percepção de que a Grécia perdeu a hegemonia de outrora em função das inúmeras guerras deflagradas, particularmente, entre os próprios gregos, que os debilitaram e os tornaram presas fáceis para os romanos.

ABSTRACT

The aim of this paper is to discuss Xenophon's work *Agesilaus* dedicated to the Spartan king Agesilaus and compare it with the biographies written by Cornelius Nepos and Plutarch in order to analyze how the reception of his work took place in the cited authors.

KEYWORDS

Xenophon; Cornelius Nepos; Plutarch; Agesilaus; Ancient Biography.

REFERÊNCIAS

- BENEKER, Jeffrey. *Nepos' Biographical Method in the Lives of Foreign Generals*, **The Classical Journal**, Northfield, v. 105, n. 2, p. 109-121, 2009.
- BRESSON, Alain. Un "Athénien" à Sparte ou Plutarque lecteur de Xénophon, **Revue des Études Grecques**, Paris, v. 115, n. 1, p. 22-57, 2002.
- CARTLEDGE, Paul. **Agesilaos and the Crisis of Sparta**. London: Duckworth, 1987.
- CHRISTESEN, Paul. Xenophon's views on Sparta. In: FLOWER, Michael A. **The Cambridge Companion to Xenophon**. New Jersey: Princeton University Press, 2017, p. 376-400.
- CORNELIUS NEPOS. **On Great Generals**. On Historians. Translated by John C. Rolfe. Cambridge: Harvard University Press, 1984. (Loeb Classical Library, 467).
- DE BRAUW, Michael. The parts of the Speech. In: WORTHINGTON, Ian. **A Companion to Greek Rhetoric**. Malden: Blackwell, 2007, p. 187-202.
- DIOGENES LAERTIUS. **Lives of Eminent Philosophers**. Translated by Robert D. Hicks. Cambridge: Harvard University Press, v. 1, 2003. (Loeb Classical Library, 184).
- FLOWER, Michael A. (ed.). **The Cambridge Companion to Xenophon**. New Jersey: Princeton University Press, 2017.
- GEIGER, Joseph. Cicero and Nepos, **Latomus**, Bruxelles, t. 44, fasc. 2, p. 261-270, 1985.
- HAMILTON, Charles D. **Agesilaos and the Failure of Spartan Hegemony**. Ithaca/London: Cornell University Press, 1991.
- HERODOTUS. **The Persian Wars**. Translated by Anthony D. Godley. Cambridge: Harvard University Press, v. 3, 1986. (Loeb Classical Library, 119).
- HODBEN, Fiona; TUPLIN, Christopher (eds.) **Xenophon: Ethical Principles and Historical Inquiry**. Leiden/Boston: Brill, 2012.
- LEE, John W. Xenophon and his Times. In: FLOWER, Michael A. (ed.) **The Cambridge Companion to Xenophon**. New Jersey: Princeton University Press, 2017, p. 15-36.
- PEPE, Cristina. **The Genres of Rhetorical Speeches in Greek and Roman Antiquity**. Leiden/Boston: Brill, 2013.
- PERNOT, Laurent. **La rhétorique de l'éloge dans le monde gréco-romain**. Paris: Institut d'Études Augustiniennes, t. 1, 1993.
- _____. **Rhetoric in Antiquity**. Translated by W. E. Higgins. Washington: The Catholic University of America Press, 2005.
- PLUTARCH. **Lives**. Agesilaos and Pompey. Pelopidas and Marcellus. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, v. 5, 2004. (Loeb Classical Library, 87).

- _____. **Lives**. Theseus and Romulus. Lysurgus and Numa. Solon and Publicola. Translated by Bernadotte Perrin. Cambridge: Harvard University Press, v. 1, 2005. (Loeb Classical Library, 46).
- _____. **Moralia**. Precepts of Statecraft. Translated by Harold North Fowler. Cambridge: Harvard University Press, v. 10, 2002. (Loeb Classical Library, 321).
- SANSONE, David. Agesilaus and the Case of the Lame Dancer, **Illinois Classical Studies**, Illinois, n. 37, p. 75-96, 2012.
- SCHMIDT, Thomas S. Plutarque, les *Préceptes politiques* et le récit des Guerres médiques, **Cahiers des études anciennes**, Ottawa, v. 46, p. 101-128, 2009.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. **Plutarco historiador: análise das biografias espartanas**. São Paulo: Edusp, 2006.
- SMITH, Daniel L. **The Rhetoric of Interruption: Speech-making, Turn-taking, and Rule-breaking in Luke-acts and Ancient Greek Narrative**. Berlin: Gruyter, 2012.
- STADTER, Philip. 'Staying up Late': Plutarch's Reading of Xenophon. In: HODBEN, Fiona; TUPLIN, Christopher (eds.) **Xenophon: Ethical Principles and Historical Inquiry**. Leiden/Boston: Brill, 2012, p. 43-62.
- STEM, Rex. Idealizing a Life of Friendship: Cicero's *De amicitia* in Nepos's *Life of Atticus*, **Transactions of the American Philological Association**, Baltimore, v. 149, n. 1, p. 27-45, 2019.
- TITCHENER, Frances. Cornelius Nepos and the Biographical Tradition, **Greece & Rome**, New York, v. 50, n. 1, p. 85-99, 2003.
- WORTHINGTON, Ian (ed.). **A Companion to Greek Rhetoric**. Malden: Blackwell, 2007.
- XÉNOPHON. **Constitution des Lacédémoniens, Agélistas, Hiéron**. Suivi de PSEUDO-XÉNOPHON. **Constitution des Athéniens**. Traduit par Michel Casevitz. Paris: Les Belles Lettres, 2008.
- XÉNOPHON. **Helléniques**. Texte établi et traduit par Jean Hatzfeld. Paris: Les Belles Lettres, t. 1, 1936.

¹ Sobre elogio e encômio, temos esta clara explicação de Pepe: “*This separation between ἔπαινος and ἔγκωμιον merits attention for its innovatory character. In the Classical age the two terms are distinguished by a different semantic scope: ἔπαινος designates praise in general, while ἔγκωμιον often includes references to praise in lyric poetry: when applied to a prose work, ἔγκωμιον suggests a comparison or rivalry with the poets. But as the two terms were gradually extended, this nuance faded out: in Attic orators and Plato they may alternate on the same page, and even in the same phrase, without any apparent distinction. Also in the Rhetoric to Alexander the verbs ἐγκωμιάζειν and ἐπαινεῖν are used as synonyms. The distinction between ἔπαινος and ἔγκωμιον, which recurs in Aristotle’s ethical works, clearly shows the marks of the philosopher’s peculiar vision, so that praise is the expression of moral approval and is referred to intentions and character*” (2013, p. 199).

² Todas as traduções presentes neste artigo são de Maria Aparecida de Oliveira.

³ Plutarco escreveu cinco biografias de espartanos: Licurgo, Agesilau, Lisandro, Ágis e Cleômenes; para mais detalhes, cf. Silva (2006).

⁴ Plutarco, *Vida de Licurgo*, v, 10-14.

⁵ Um manto de inverno.

⁶ Há vários episódios da biografia de Agesilau que coincidem com o relatado por Xenofonte, um deles analisado por Sansone (2012). A escolha de Xenofonte como modelo de narrativa também já foi apontada por Stadter (2012), que analisou o uso das obras xenofontiana na escrita de Plutarco.

⁷ Beneker (2009, p. 118) aponta algumas semelhanças entre a finalidade da escrita de Cornélio Nepos com a de Plutarco, visto que ambos escreveram biografias que se preocupavam com o caráter de seu personagem.

⁸ O conceito de *amicitia* é uma constante em suas biografias. Conforme Stem (2019, p. 28-43), os fundamentos da noção de *amicitia* em Cornélio Nepos estão embasados no conceito desenvolvido por Cícero em *Da amizade (De amicitia)*, que foi construído em sólidos pilares da retórica e da moral. Em um estudo anterior, Geiger (1985) demonstra que os conceitos e as ideias de Cícero permeiam a escrita biográfica de Cornélio Nepos.

⁹ Trata-se da batalha de Mantinea, em 362 a.C. Xenofonte nos conta que essa batalha encerrou o domínio tebano no Peloponeso e em parte do norte da Grécia, o que resultou na perda de uma liderança e no esfacelamento das ligas, no enfraquecimento dos gregos como um todo e na falta de um rumo político (XENOFONTE, *Helênicas*, VII, 5).

¹⁰ Em seu estudo sobre a retórica antiga, Pernot (2005, p. 111) nos mostra que a retórica antiga é marcada pelo elogio. Até mesmo Cícero, o grande orador romano, não se furtou de utilizar o encômio, uma invenção dos gregos.

¹¹ Como conclui Titchener (2003, p. 85-87), o propósito de Cornélio Nepos também é construir modelos que sirvam de exemplo para os seus leitores, e em razão disso não encontramos críticas às ações de Agesilau, mas uma narrativa edificante de seu caráter.

¹² SCHIMDT, 2009, p. 126-127.

¹³ Conforme o extenso estudo de Hamilton (1991) nos mostra, autores como Xenofonte e Cornélio Nepos quase não deram importância ao fato do rei espartano ter sido o responsável também pela derrocada de Esparta. Nesse sentido, ambos os autores se mostram laudatórios, como nos explica Pernot (1993, p. 19). A retórica antiga prestigiava basicamente dois tipos de discurso, o judiciário e o elogio. A retórica epidítica (elogio e vitupério) não foi exatamente bem prestigiada nem mesmo em Aristóteles, e só ganhou sistematização com os helenísticos e, mais ainda, com os romanos. Cf. a obra mais recente de Pernot: *Epidictic Rhetoric: Questioning the Stakes of Ancient Praise*. Austin: University of Texas Press, 2015. No Prefácio, há importantes reflexões sobre o desenvolvimento dos subgêneros epidíticos, como o elogio - *enkōmion*). Sobre o judiciário, não é prudente afirmar que ele era um gênero prestigiado. Há importantes autores que

o censuram como um gênero baixo, sem refinamento estilístico, como o próprio Aristóteles, Isócrates e Platão, a partir dos quais notamos que ambos, Xenofonte e Cornélio Nepos, elaboraram uma narrativa elogiosa da vida de Agesilau.

¹⁴Bresson (2002, p. 34) contesta essa informação e a apresenta como um erro de interpretação. No entanto, em seu breve relato sobre Xenofonte, Diógenes Laércio conta que ele era ateniense do demo de Érqúia (DIÓGENES LAÉRCIO, *Vidas e doutrinas dos filósofos ilustres*, VI, 48).

¹⁵Sobre a admiração de Xenofonte pelo regime espartano, cf. Christesen (2017).

¹⁶Xenofonte nos conta que combateu ao lado de Agesilau na Ásia (XENFONTE, *Helênicas*, IV, 3).

¹⁷Cartledge (1987, p. 242) sugere que o rei espartano guerreava para buscar a paz, na tentativa de conter seus inimigos e manter Esparta longe deles. A conclusão de Cartledge pode nos ajudar a entender também a visão de Cornélio Nepos, que não somente via a guerra como fonte de recursos para Roma, mas também como um meio de se atingir a paz com a dominação do inimigo. Pensamento que se alinha ao dito posteriormente por Vegécio: *Igitur qui desiderat pacem, praeparet bellum*, ou seja, “portanto, quem deseja a paz, prepara a guerra”, no próêmio ao livro III de sua obra *Epítome das instituições militares*.

¹⁸SMITH, 2012, p. 53.

¹⁹DE BRAUW, 2007, p. 189.

²⁰Para mais detalhes sobre Xenofonte e sua época, cf. Lee (2017).